

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO EDUCACIONAL PIAUIENSE: UM ESTUDO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE FLORIANO/PI

Manuela Cristina Carreiro Moura
Pedagoga pela Universidade Federal do Piauí
E-mail: manuela.m3@hotmail.com

Marilde Chaves dos Santos
Professora da Universidade Federal do Piauí
E-mail: marildechaves@bol.com.br

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar as principais mudanças que vem ocorrendo na educação inclusiva da rede municipal de Floriano-PI e Compreender o que é a deficiência intelectual. Optamos como estratégias de pesquisa um estudo com abordagem qualitativa, o qual foi realizado através da pesquisa bibliográfica e de campo. Os sujeitos dessa pesquisa foram a Coordenadora da Educação Especial Inclusiva do Município de Floriano-PI e quatro professoras, duas do ensino regular e duas da sala multifuncional. O campo da pesquisa foram duas escolas municipais e a Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Quanto a produção dos dados, fizemos a entrevista semiestruturada. A partir dos dados produzidos emergiram duas categorias, que foram: Mudanças mais perceptíveis e Concepções sobre deficiência intelectual. Onde utilizamos o procedimento de Análise de Conteúdo. Os resultados revelaram mediante os relatos das entrevistadas que as principais mudanças consistem na: Formação do professor; Crescimento do número de alunos na rede; Autonomia das crianças. Sobre a deficiência intelectual obtivemos as seguintes concepções: Déficit, Transtorno e Limitação. Consideramos então que mais estudos precisam ser desenvolvidos nesta área para que os conceitos se tornem mais conhecidos e claros para todos os preocupados com a educação inclusiva.

Palavras-chave: Mudanças. Educação Inclusiva. Deficiência Intelectual

INCLUSIVE EDUCATION IN THE EDUCATIONAL BACKGROUND OF PIAUÍ: A STUDY IN PUBLIC SCHOOLS OF THE CITY OF FLORIANO/ PI

ABSTRACT

This study aimed to identify the major changes that have occurred in inclusive education in the city of Floriano-PI and understand what intellectual disability is. We chose as research strategies a qualitative study, which was conducted through literature and field research. The subjects of this research were the Inclusive Special Education Coordinator of the city of Floriano-PI and four teachers, two regular education teachers and two from the multipurpose room. The field of research was two public schools and the City Department of Education - SEMED. In relation to the production of data, we made the semi-structured interview. From the data produced two categories emerged these being a) more noticeable changes and b) conceptions about intellectual disabilities, in which we used the procedure of content analysis. The results revealed by the interviewees' reports were that the main changes consist of: Teacher Training; Growing number of students on the network; Autonomy of children. About intellectual disabilities the following concepts were obtained: Deficit, Disorder and Limitation.

Thus it was considered that more studies need to be developed in this area so that the concepts become better known and clear to all concerned with inclusive education.

Keywords: Changes. Inclusive Education. Intellectual Disabilities.

INTRODUÇÃO

Falar sobre a inclusão de pessoas com deficiência na escola é como “cutucar um formigueiro”, essa analogia diz respeito à grandiosidade do tema, pois sabemos que o movimento inclusivo emana de um movimento mundial que busca a inclusão das pessoas que sempre foram excluídas.

Principalmente se tratando da deficiência intelectual, pois ela mexe na ferida que os sistemas educacionais possuem, em relação as suas práticas, suas estruturas físicas e principalmente a forma de lidar com o saber, que é a arma que liberta o sujeito, fazendo com que se torne ou não uma pessoa ciente de seus direitos e deveres.

Dessa forma, Cardoso (2006) entende que a eterna busca pela democracia só será alcançada quando todas as pessoas, sem discriminação, tiverem acesso à informação, ao conhecimento e aos meios necessários para a formação da sua consciência de cidadania.

Nesse sentido, a escolha de estudar o tema tem relevância pessoal, pois surgiu de uma inquietação, por causa das dúvidas e questionamentos que os conceitos de deficiência me traziam, principalmente da deficiência intelectual.

A inclusão de pessoas com deficiência na escola é a forma mais eficaz para tirá-las da margem, e trazê-las para dentro da sociedade. É importante lembrarmos que cada indivíduo possui seu tempo, sua melhor forma de aprender e interesses diferentes uns dos outros.

Por esta razão, este estudo, é relevante para o sistema educacional, pois de acordo com Mantoan (2006), mudar a educação com novos paradigmas, preceitos, ferramentas, tecnologias é urgente e indispensável, deve-se abandonar os recursos paliativos e enfrentar com seriedade as inovações e mudanças que as escolas demandam.

Nesta linha de pensamento, a educação inclusiva assume uma função social, visto que as crianças e jovens com deficiência que são desprovidas de educação tornam-se adultos improdutivos, e, conseqüentemente sem espaço no mercado de trabalho e sem o direito de exercer a cidadania.

Partindo disso, o nosso estudo tem como objetivos: Identificar as principais mudanças que vem ocorrendo na educação inclusiva da rede municipal de Floriano-PI e Compreender o que é a deficiência intelectual. O trabalho foi estruturado visando o alcance dos objetivos, para tanto se desenvolveu uma estrutura onde o mesmo foi dividido em quatro partes. A primeira introduz o tema estudado, na segunda é explicado o percurso metodológico da pesquisa, na terceira são analisados os dados produzidos, onde serão mostradas ainda entrevistas realizadas e, por fim, a quarta e última parte possui algumas considerações acerca do que foi abordado ao longo do estudo.

2. METODOLOGIA

A investigação sobre a educação inclusiva envolve muito nosso lado humano, então uma das formas que trilhamos a pesquisa foi pela abordagem qualitativa, à qual Minayo (2012, p. 21) diz que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Pelas fontes consultadas, utilizamos a pesquisa bibliográfica e de campo. É fundamental sabermos o que já foi pesquisado na área, com isso, utilizamos a pesquisa do tipo bibliográfica, que “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2009, p. 50).

A pesquisa de campo “permite aproximação do pesquisador e da realidade sobre a qual ele formulou uma pergunta” (MINAYO, 2012, p. 61). Nessa perspectiva a pesquisa teve como campo os seguintes órgãos: Secretaria Municipal de Educação - SEMED e duas escolas municipais de Floriano-PI.

Os sujeitos dessa pesquisa foram: a Coordenadora da Educação Especial Inclusiva do Município de Floriano e quatro professoras, duas do ensino regular e duas da sala multifuncional. São pessoas que trabalham diretamente com o tema abordado no estudo, a Coordenadora da Educação Especial Inclusiva de Floriano-PI, foi entrevistada e no decorrer do trabalho, quando nos referimos a ela, utilizamos a função que ela exerce, coordenadora. As professoras tiveram suas identidades preservadas, e receberam um codinome, Ana e Maria são professoras da sala multifuncional, Luísa e Tânia são professoras da sala regular.

As entrevistas se deram de forma semiestruturada, pois “a estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável” (GIL, 2009, p. 113).

Porém a nossa não foi seguida tão rigorosamente, pois a partir de uma pergunta surgiu outros questionamentos que não estavam pré-fixados. Todas as entrevistas foram agendadas com antecedência com os sujeitos e gravadas, eles tiveram acesso às perguntas somente no momento da entrevista e as respostas foram transcritas pela pesquisadora de maneira fiel à gravação.

Depois de produzidos, o procedimento utilizado para analisar os dados foi a Análise de Conteúdo, baseando-se em Triviños (2009), que diz que ela é um meio para estudar as “comunicações” entre os homens, colocando ênfase no conteúdo “das mensagens”, ou seja, a partir da apreciação objetiva da mensagem surge a informação (TRIVIÑOS, 2009, p. 160).

Então, o que os sujeitos disseram, foi analisado focalizando o conteúdo da mensagem, onde a pesquisadora interveio com suas reflexões, visão de mundo e com as constatações de autores que falam sobre a temática.

Foram feitas muitas leituras das entrevistas, que a partir delas, decidimos por duas categorias que foram baseadas nos objetivos desse estudo: Mudanças mais perceptíveis e Concepções sobre deficiência intelectual.

3. ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Mudanças mais perceptíveis

Um dos questionamentos da pesquisa é em relação às mudanças que vem acontecendo na educação inclusiva. Pelos testemunhos dos sujeitos, podemos afirmar que o movimento da inclusão na rede municipal em Floriano-PI está acontecendo gradativamente.

A partir das respostas das entrevistadas podemos perceber que eles apontaram três mudanças: formação do professor, crescimento do número de alunos, autonomia das crianças. Sobre a formação do professor tivemos o seguinte posicionamento:

“As mudanças que a gente vem percebendo, elas vem acontecendo tanto na formação do professor, porque antes o professor rejeitava

mais, o professor era mais arredo, no sentido assim.... De reclamar e até mesmo de excluir a criança na sala de aula, deixar a sala de aula e não querer dar aula para aquela criança com deficiência e transtorno global do desenvolvimento.” (Coordenadora).

Pela fala da entrevistada percebemos que ela atribuiu às atitudes do professor a sua formação. Podemos dizer que na maioria das vezes, quando os professores não conhecem algo, quando alguma coisa acontece diferente do que estão acostumados, rejeitam aquela situação. Esse comportamento pode ser explicado assim:

Uma das reações mais comuns é afirmar que não estão preparados para enfrentar as diferenças, nas escolas, nas salas de aulas. Esse motivo é aventado quando surgem quaisquer problemas de aprendizagem nas turmas e até mesmo quando existem concretamente. O motivo também aparece quando as escolas tem de resolver casos de indisciplina, enfim, quando se deparam com uma situação diferente, que foge ao usual, nas suas turmas. Essas preocupações são reais e devem ser consideradas, mas, na maioria das vezes, referem-se a problemas rotineiro, que se agigantam, pela insegurança, pelo medo de enfrentar o novo (MANTOAN, 2006, p.32).

Então, o discurso da falta de preparação é muito presente para justificar as falhas na atuação do professor, o que não deixa de fazer sentido, por exemplo no curso de Pedagogia tem apenas uma disciplina que discute o assunto, que é Fundamentos da Educação Especial. Então podemos dizer que 60 horas de discussão sobre o tema não são suficientes para o licenciado atuar com competência.

Ainda assim, existem casos onde os professores se envolvem de fato com a educação inclusiva e de acordo com a fala da Professora Luísa, podemos observar que uma das mudanças que vem acontecendo é em relação à especialização, pois alguns professores do município que ainda não concluíram a sua especialização, procuram especializar-se, como a entrevista destaca:

“[...] hoje eu vejo que mudou muito, avançou muito a educação especial, que antigamente não tinha na Secretaria uma Coordenadora voltada para o trabalho da educação especial. Hoje a gente já tem, essa coordenadora, já temos coordenadores nas escolas e tem as professoras que já tem especialização em educação especial e tem umas como no meu caso que tá cursando para trabalhar com essas crianças [...]” (Professora Luísa)

A partir da fala da Professora Luísa, notamos que esse aumento de professores especialistas em educação especial, fez surgir uma notável diferença no crescimento do número de alunos na rede, já que está havendo esse incentivo à especialização dos docentes, pois segundo a coordenadora:

“[...] no censo do passado nós chegamos a 5,6% alunos da rede ser alunos com deficiência e transtorno, e significa que a cada ano são 100 alunos a mais, o ano passado foi quase 200 alunos a mais [...]”
(Coordenadora)

O aumento no número atendimentos citado pode ser explicado pelo seguinte motivo “com o fortalecimento do movimento - atualmente amparado por lei – pela construção de sistemas educacionais inclusivos, houve aumento considerável no número de alunos com deficiência matriculados e que frequentam classes regulares no ensino comum” (ANDRADE, 2009, p.42).

Assim notamos que há um aumento considerável a cada ano, e isso é bom pois acreditamos que ainda há muitas crianças sem atendimento na cidade. Dessa forma, apesar de todo ano aumentar o número de matrículas de crianças com deficiência, sabemos que muitas ainda continuam sem frequentar a escola.

Por outro lado, embora o aumento do número de atendimento seja importante não podemos esquecer da qualidade deste atendimento. Mais que números, a qualidade do ensino, do acesso e permanência é que deve crescer cada vez mais. Assim, não adianta quantidade, se a qualidade não for um fator primordial.

A questão da qualidade surgiu a partir da fala das entrevistadas como outro indicativo das mudanças que ocorreram na educação inclusiva. Em relação ao desenvolvimento da autonomia das crianças, que evidencia a qualidade com a qual elas são atendidas, constatamos que há casos bem sucedidos, tanto que foi realçada com a fala da Coordenadora, de uma professora e um registro das observações, como podemos constatar abaixo:

“A outra questão dos nossos avanços é com relação ao crescimento das próprias crianças, é... as crianças, especialmente as crianças com deficiência intelectual a gente tem visto o crescimento delas. Essa semana mesmo, uma menina que ela tem o QI de 20, a gente passou um trabalho com muitos anos com ela e agora a gente já tirou o cuidador dela, porque ela já está escrevendo e lendo, tá, no 3º ano, então isso já é um avanço, ela disse: “Tia eu não quero mais cuidador, eu mesma vou fazer meus trabalhos”, vai ganhando

autonomia, então isso é um crescimento que a gente vai vendo nas crianças” (Coordenadora).

“Hoje eu vejo que elas estão muito independentes, antigamente quando esse processo se iniciou nas escolas, a gente tinha todo um cuidado de levar no banheiro, trazer de volta, aquele cuidado maior, então hoje elas vão sozinhas, estão mais independentes” (Professora Luísa).

Assim, podemos dizer que há casos que as crianças desenvolvem bem a sua autonomia, por exemplo a menina citada pela Coordenadora, pelo fato dela pedir para ficar sem cuidador é sinal que esse acompanhamento lhe foi benéfico e lhe ajudou a desenvolver as suas atividades na sala de aula.

3.2 Concepções sobre deficiência intelectual

Procuramos identificar qual o conceito que os sujeitos entrevistados têm a respeito da deficiência intelectual (DI)s. Então pelas respostas obtivemos três, que foram: déficit, transtorno e limitação. A Coordenadora e uma das professoras entrevistadas entende como um déficit pois para elas:

“[...] Uma criança que tem o QI mais baixo, que tem uma puerilidade grande na sua maneira de se relacionar de aprender, que precisa de um tempo maior, ela tem um déficit intelectual [...]” (Coordenadora)

“A deficiência intelectual é quando criança tem um déficit, déficit de aprendizagem, déficit de comportamento, é algo que eu acredito que seja, como posso colocar? Ela... como posso dizer, deficiência intelectual, um déficit mesmo, né? Em todos os sentidos, porque a criança com deficiência intelectual precisa de um tempo maior pra tudo, na questão de aprender a vestir, comer, na questão mesmo da educação, então ela tem um déficit mais comprometido, se comparando com as crianças ditas normais.” (Professora Ana)

O conceito de déficit tem amparo na literatura médica, pois de acordo com o Conselho Federal de Medicina do Paraná (CRM-PR) o Déficit de Aprendizagem faz parte dos Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares. Não é causada pela falta de oportunidade de aprender, também é resultado de um retardo mental, e nem são decorrentes de qualquer forma de traumatismo ou doença cerebral adquirida. Ressalte-se que embora não seja um tipo de retardo mental, é um transtorno que deve ser tratado para não ocasionar graves prejuízos no desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança.

Então, entendemos que o fato da criança possuir um déficit de aprendizagem não determina que ela possua algum retardo mental, mas se há essa dificuldade na construção do conhecimento persistir, é preciso ir atrás da circunstância que está causando essa adversidade no aprender. Visto que nosso sistema de educação possui falhas e nem sempre o problema é inteiramente do estudante.

As duas respostas a seguir tem duas coisas em comum, primeiro que as duas professoras conceituaram a DI como um transtorno e no decorrer da fala elas utilizam algum termo na forma diminutiva. Assim elas dizem:

“A deficiência intelectual, vou falar um pouquinho do meu aluno, bom, é bem ‘parecidinho’ com o autismo, só que depende do grau da deficiência, então a deficiência intelectual eu acredito que seja um transtorno neurológico, o dele é neurológico por questões genéticas e.... Que é causada por algum motivo que pode ocorrer na família, mas no caso do meu aluno ele tem um transtorno neurológico, né? E eu entendo isso, que seja um tipo de transtorno, a deficiência, principalmente a intelectual, porque é o QI baixo.” (Professora Tânia)

“Deficiência intelectual, eu acho assim.... Algum ‘transtornozinho’ que foi gerado no parto, então as crianças com DI, é muito complexo, tem delas que já sabe escrever o nome, já entende melhor as coisas, outros já tem uma série de dificuldades, então eu acho assim que é muito complexo, varia de cada complicação.” (Professora Luísa)

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado pela ciência há quase seis décadas, mas sobre o qual ainda permanecem divergências e grandes questões ainda indecifráveis (FERNANDES, 2014, p. 01).

O mesmo autor diz que as áreas que se encontram com um acentuado comprometimento, são caracterizadas por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação.

Conforme Fernandes (2014) existem três lapsos, conhecidos como a tríade de dificuldades, que ao aparecerem juntos caracterizam o autismo, que podem levar a um padrão de comportamento restrito e repetitivo, o quadro de inteligência pode variar do retardo mental a níveis acima da média. É bem elucidado a diferença entre o autismo e o “retardo” mental porque, enquanto que no “retardo” mental, a criança apresenta um desenvolvimento tardio, no autismo o perfil de desenvolvimento é irregular, ele pode desenvolver a inteligência rápido ou devagar.

A deficiência intelectual vista como um transtorno pode ser explicada pela área médica, segundo o CRM-PR (2013) é um transtorno psiquiátrico denominado como

Retardo Mental. Que pode ser identificada por um médico, mas está mais relacionada à Psiquiatria e a Neurologia. O médico pode apoiar-se em exames especializados para ter um melhor veredito do diagnóstico, como testes neuropsicológicos aplicados por psicólogos especializados na aplicação de testes neuropsicológicos específicos.

A utilização dessas palavras no diminutivo nos incomodou bastante, pois nos trouxe a ideia de um sentimento de pena das professoras em relação aos seus alunos com deficiência.

Dessa forma, a Professora Maria utiliza o termo limitação como conceito de deficiência intelectual, dizendo:

“Bom, a deficiência intelectual a meu ver, é uma limitação muito grande, porque isso dificulta muito mais o aprendizado, ele é capaz de aprender, só que demora muito mais tempo do que nas outras deficiências.” (Professora Maria)

Entendemos que a limitação somos nós que estabelecemos, quando dificultamos o aprendizado da criança, com nossas práticas e métodos.

4. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos neste estudo permitiram responder aos objetivos inicialmente propostos. Nesse sentido, foi possível identificar as principais mudanças que vem ocorrendo na concepção de educação inclusiva, no que concerne a: Formação do professor; Crescimento do número de alunos na rede; e Autonomia das crianças;

Sobre a formação do professor, reconhecemos que o modo de ser do professor tem relação direta com a sua formação. Na rede municipal de Floriano-PI, devido ao incentivo por parte da Coordenação da Educação Especial Inclusiva para que os professores tenham uma formação continuada, foi possível constatar a mudança de comportamento do professor e também o aumento de matrículas na rede.

Notamos que há um bom desenvolvimento das crianças quando recebem um atendimento apropriado, gerando um melhor desempenho de suas atividades. Dessa forma, elas passam a ter mais autonomia de suas ações.

Encontramos como concepções de deficiência intelectual: Déficit; Transtorno e Limitação. Assim, constatamos que o fato de uma criança ter um déficit não significa

que ela tenha deficiência, mas um transtorno que pode ocasionar a dificuldade na construção do conhecimento, que logo deve ser tratado para não elevar o problema.

Verificamos que a DI não é parecido com o autismo, o que acontece é que uma das características da criança autista pode ser a aprendizagem tardia, ou seja, ela vai levar um bom tempo para construir o conhecimento assim como crianças com DI.

Sobre a limitação foi possível esclarecer que não são as pessoas que a possuem, mas o ambiente onde se encontram.

Sabemos que este trabalho não terminou, na verdade ele só está começando, e depende de cada um. Nosso intuito primordial é que ao final deste artigo tenhamos nos modificado e elaborado novas perspectivas a respeito do conceito de deficiência. Pretendemos seguir o estudo adiante, pois as pesquisas sobre educação inclusiva demandam ainda de muita informação.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Marilene da Silva. Aspectos históricos da educação especial: da exclusão à inclusão. In: STOBÄUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Educação Especial**: em direção à educação inclusiva. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CRM-PR. **PARECER Nº2408/2013** Disponível em:
<http://www.portalmédico.org.br/pareceres/CRM/PR/pareceres/2013/2408_2013.pdf>
Acesso em 05/03/14.

FERNANDES, Alisson V; NEVES, João V. A; SCARAFICCI, Rafael A. **Autismo**. Disponível em: <<http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/autismo.pdf>>
Acesso em 06/03/14.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 2. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. In: STOBÄUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Educação Especial**: em direção à educação inclusiva. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MEC, 2007. BATISTA, Cristina Abranches Mota; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental. In: GOMES, Adriana L. LimaVerde et all. **Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Mental**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** – 1. ed. – São Paulo: Atlas, 2009.